



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

TEMAS ATUAIS EM TEOLOGIA

Aprendendo a Defender a Verdade
Divina no Cotidiano Cristão.

 INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

TEMAS ATUAIS EM TEOLOGIA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-054-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON54

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **TEMAS ATUAIS EM TEOLOGIA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 85 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	8
1.1. PRESSUPOSTOS E PERCEPÇÕES	9
2 - O DESAFIO DE UMA COSMOVISÃO CRISTÃ EM UMA SOCIEDADE PLURALISTA.....	13
2.1. A QUESTÃO DO “DESAFIO”	13
2.2. O ABSOLUTO EM UMA SOCIEDADE ABSOLUTAMENTE ILUDIDA	15
2.3. DEFENDENDO A VERDADE EM UM MUNDO RELATIVISTA.....	18
2.4. NADA PODEMOS CONTRA A VERDADE	19
2.5. ALGUNS VALORES CONTEMPORÂNEOS.....	19
2.6. ANTIDOGMATISMO	20
2.7. RELATIVISMO, SUBJETIVISMO, PRAGMATISMO E UTILITARISMO	23
2.8. PLURALISMO	30
3 - A VERDADE DO DEUS VERDADEIRO NUM MUNDO DE MENTIRAS.....	33
3.1. O ENSINO VERDADEIRO	34
3.2. A RECEPÇÃO E APEGO À VERDADE	34
3.3. DISCERNIMENTO NECESSÁRIO.....	36
3.4. A VERDADE OBJETIVA DE DEUS – VERDADE REAL	39
3.5. VERDADE AUTORITATIVA	39
3.6. VERDADE QUE PERMANECE	40
3.7. VERDADE REVELADORA	41
3.8. VERDADE LIBERTADORA.....	42
3.9. POSITIVAMENTE CONSIDERANDO	44
4 - JESUS CRISTO, A PALAVRA ENCARNADA E O SEU PODER LIBERTADOR.....	48
4.1. LIBERDADE “DO”	48
4.2. LIBERDADE “PARA”	52
4.3. A VERDADE COMO UM TODO UNIFICADO	54
5 - TEOLOGIA E PÓS-MODERNIDADE	58
5.1. POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE TEOLOGIA E PÓS-MODERNIDADE.....	61
5.2. DIFERENÇA ENTRE A TEOLOGIA NA PÓS-MODERNIDADE E A TEOLOGIA PÓS-MODERNA.....	64
6 - TEOLOGIA E ECONOMIA.....	71
6.1. TEOLOGIA E ECONOMIA NA AMÉRICA LATINA.....	72
6.2. O PROBLEMA DO CAPITAL VERSUS SOCIAL: A QUESTÃO DO CONSUMO.....	74

6.3.	ABORDAGENS ATUAIS DA RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E ECONOMIA.....	75
7 -	TEOLOGIA E MEIO AMBIENTE	77
7.1.	LEITURA BÍBLICA DAS QUESTÕES AMBIENTAIS	78
7.2.	TEOLOGIA DA CRIAÇÃO	80
8 -	A TEOLOGIA DO CULTO	82
8.1.	TEOLOGIA LITÚRGICA	82
8.2.	TEOLOGIA E MÚSICA	83
8.3.	TEOLOGIA E ARQUITETURA.....	84

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Uma das questões difíceis de responder é: no que você crê?

A resposta a esta questão revelará uma série de pressupostos – conceitos implícitos em sua fala –, muitos dos quais talvez jamais tenham ocorrido, pelo menos de forma teórica, ao entrevistado. É possível que sem percebermos o nosso pensamento revele uma série de inconsistências e, até mesmo, excludências. O fato é que nossos conceitos, explícitos ou não, terminarão por se juntar a outros e, deste modo, sem consciência e mesmo consistência, vamos aos poucos formando uma maneira de ver o mundo e, conseqüentemente, de avaliá-lo. Esta percepção determinará de forma intensa o nosso comportamento na sociedade em que vivemos, tendo implicações em todas as esferas de nossa existência. “Uma cosmovisão contém as respostas de uma dada pessoa às questões principais da vida, quase todas com significativo conteúdo filosófico. É a infra-estrutura conceitual, padrões ou arranjos das crenças dessa pessoa” (NASH, 2008, p. 13).

Ainda que não pretendamos ser exaustivos, podemos, inspirando-nos em Nash (2008, p. 15ss), dizer que a nossa cosmovisão é constituída por um conjunto de crenças que estabelecem, essencialmente, a sua distinção de outras cosmovisões ainda que haja no cerne de cada cosmovisão diferenças importantes, porém, que não são excludentes.

Vejam algumas dessas crenças:

A. Deus: Ainda que o nome de Deus nem sempre apareça em nossas discussões, a fé em Deus envolvendo, obviamente, o conceito que temos Dele é ponto capital em qualquer cosmovisão. Deus existe? Ele se confunde com a matéria? Há um só Deus? Ele age? É soberano? É um ser pessoal? As respostas que dermos a estas questões são cruciais para identificar a nossa cosmovisão.

B. Metafísica: A Metafísica trata da existência e da natureza e a qualidade daquilo que é conhecido. A nossa cosmovisão determinará um tipo de compreensão de questões tais como: Todos os homens têm a mesma essência? Todo evento deve ter uma causa? Há realidade além daquilo que podemos ver? Existe um mundo espiritual? Há um propósito para o universo? Qual a relação entre Deus e o universo?

C. Epistemologia: A Epistemologia é o estudo das questões relacionadas aos problemas filosóficos do conhecimento. O seu objetivo é conhecer, interpretar e descrever filosoficamente, os princípios essenciais que conduzem ao conhecimento científico ou, em outras palavras, estudar a origem e como se estrutura o conhecimento científico. A Epistemologia trata de questões tais como: Como conhecemos alguma coisa? É possível um conhecimento certo a respeito de alguma coisa? Os sentidos nos dão um conhecimento certo a respeito dos objetos sensíveis? Nossas percepções dos objetos

sensíveis são idênticas a esses objetos? Qual a relação entre o intelecto e a matéria? Qual a relação entre a razão e a fé? Podemos conhecer algo sobre Deus? É o método científico o melhor método para o conhecimento?

D. Ética: A Ética filosófica analisa a vida virtuosa no seu valor último, e a propriedade de certas ações e estilos de vida. Ela se refere à conduta humana, às normas e princípios a que todo o homem deve ajustar seu comportamento nas relações com seus semelhantes e consigo mesmo. O filósofo moral não é apenas um cientista teórico envolvido em especulações abstratas, ele é alguém comprometido com a realidade, buscando soluções para os problemas práticos que nos cercam e que deram origem à pesquisa. A sua preocupação, também, não se limita à ação certa, mas, também, ao princípio que a justifica.

Perguntas comuns a esta disciplina: É justo falsificar a declaração de imposto de renda? O aborto é correto? E financiar instituições que em suas pesquisas contemplem a prática do aborto? É viável a pena de morte? A eutanásia? Há um padrão absoluto de moral ou ele é relativo à épocas, culturas e pessoas? A moralidade transcende ao lugar, época e cultura? Como distinguir o bem do mal?

E. Antropologia: O conceito que temos a respeito do homem revela aspectos de nossa cosmovisão. O ser humano é apenas matéria? De que forma a morte determina o fim de nossa existência? Existe algum tipo de recompensa ou punição após a morte? A alma é imortal? O homem é um ser livre ou determinado por forças deterministas? Qual o propósito da vida?

F. História: Ela parte do princípio de que o homem é uma síntese entre o passado e o presente, tendo as suas decisões atuais em relação direta com as suas experiências pretéritas, daí algumas perguntas: O alvo da explicação histórica é predição, ou meramente entendimento?

Visto que escrever a história envolve seleção de material pelo historiador, um documento histórico pode ser considerado objetivo? A História é linear ou cíclica? Existe alguma finalidade, ou um padrão que confira sentido à História?

1.1. Pressupostos e Percepções

As nossas ênfases revelam não simplesmente os nossos pensamentos e valores como também, aspectos da realidade como os percebemos. A concatenação de nossas idéias e a estruturação de prioridades, dentro da fluidez histórica, assumem aspectos relativos. Deste modo, quando lemos um autor devemos entender também o seu tempo, a sua forma de pensar e os pontos que visavam destruir, consolidar ou mesmo transformar. Toda obra é, de certa forma, dialogal, explícita ou implicitamente. Cada época nos diz algo

de seus atores e cada ator histórico nos fala direta ou indiretamente do cenário que o inspira, dentro do qual ele foi criado e, de certa forma, delimita a sua própria percepção da realidade.

Quando não percebemos estes aspectos, tendemos a ser extremamente rigorosos em nossos julgamentos ou facilmente somos conduzidos a cometer anacronismos injustificados. Isto se dá, especialmente, quando lemos autores de séculos anteriores ao nosso que, além da distância temporal, viveram em outro continente, com valores próprios, percepções delimitadas pela sua época, tendo que se deparar com desafios gigantescos alguns dos quais são quase que imperceptíveis em nossa época. Aí surge o nosso problema; é impossível ter todas as visões; a nossa, além de vários condicionantes, é feita a partir de nossa época, sob o feitiço de nossos valores e concepções, os quais por si só já produzem um préconhecimento.

O anacronismo condenatório é fácil de ser praticado e extremamente difícil de ser percebido por quem o exerce. Portanto, a consciência destas questões deve produzir em nós um salutar sentido de limitação e, portanto, de maior prudência em nossos juízos, reconhecendo que a nossa época, dentro da qual estamos inseridos e mais cativos do que imaginamos, tem as suas paixões e feitiços – plenamente justificados, diga-se de passagem, pelos seus cidadãos bem socializados –, assim como a de nossos personagens analisados. O que torna a nossa visão melhor do que a deles? Talvez seja a própria história que, constantemente, nos fornece um leque mais amplo e ilustrativo de fracassos da humanidade.

A nossa chave epistemológica é a Escritura, portanto, a nossa cosmovisão partindo de uma perspectiva assim, nos conduzirá, naturalmente, de volta a Deus. A Educação Cristã fundamentando-se nas Escrituras oferece-nos um escopo do que Deus deseja de nós e nos fala de qual o propósito de nossa existência em todas as suas esferas.

Os pressupostos se constituem na janela (quadro de referência) por meio da qual vejo a realidade; o difícil é identificar a nossa janela, ainda que sem ela nada enxerguemos. Assim, falar sobre a nossa cosmovisão, além de ser difícil verbalizá-la, é paradoxalmente desnecessário. Parece que há um pacto involuntário de silêncio o qual aponta para um suposto conhecimento comum: todos sabemos a nossa cosmovisão. Deste modo, só falamos, se falamos e quando falamos de nossa cosmovisão, é para os outros, os estranhos, não iniciados em nossa forma de pensar. Sire (2004, p. 21-22) resume bem isso: “Uma cosmovisão é composta de um conjunto de pressuposições básicas, mais ou menos consistentes umas com as outras, mais ou menos verdadeiras. Em geral, não costumam ser questionadas por nós mesmos, raramente ou nunca são mencionadas por nossos amigos, e são apenas lembradas quando somos desafiados por um estrangeiro de outro universo ideológico”.

Deste modo, aplicando este princípio à história, podemos dizer que o historiador em seu labor operará sempre com os seus pressupostos; todavia, ele deverá esforçar-se para que eles não interfiram na evidência dos “fatos”, a fim de não sacrificar a “verdade” por sua paixão, que as evidências, por sua clareza, revelam ser equivocadas.

A nossa cosmovisão não deve servir apenas – aliás, um “apenas” injustificável em si mesmo –, para um exibicionismo pretensamente acadêmico, ufanismo ignorante ou mesmo como demarcação de terreno no qual nada se sucede, exceto a presunção compartilhada e demarcada por outras cosmovisões. A nossa cosmovisão consciente deve estar comprometida com a busca de coerência perceptiva e existencial. Há compromissos sérios entre o que cremos e como agimos. Um distanciamento consciente e docemente acalentado e justificado entre o crer e o fazer, produz uma esquizofrenia intelectual, emocional e espiritual, cuja solução definitiva envolverá um destes caminhos: ou mudar a nossa crença ou abandonar a nossa práxis.

Para o cristão, cosmovisão é compromisso de fé e prática.

Nash (2008, p. 29) parece-nos oportuno aqui: “Cosmovisões deveriam não apenas ser testadas em uma aula de filosofia, mas também no laboratório da vida.”

Uma coisa é uma cosmovisão passar no teste teórico (razão e experiência); outra é passar no teste prático. As pessoas que professam uma cosmovisão podem viver consistentemente em harmonia com o sistema que professam? Ou descobriremos que elas foram forçadas a viver segundo crenças emprestadas de sistemas concorrentes? Tal descoberta, eu acho, deveria, produzir mais do que embaraço.



AULA
02

2 - O DESAFIO DE UMA COSMOVISÃO CRISTÃ EM UMA SOCIEDADE PLURALISTA

Este tópico final traz consigo pressupostos importantes. Destaco alguns:

- A existência de uma “cosmovisão cristã”.
- A inserção do cristão na sociedade que, devido aos seus valores diferentes, enfrenta, com frequência, momentos de tensão.
- A compreensão da existência de desafios absolutos e relativos e que estes, algumas vezes, tornam-se absolutos na subjetividade daquele que percebe como percebe a sociedade na qual vive.
- O cristão tem um relevante papel a desempenhar no seu tempo e lugar onde vive.

Considero isto tudo de grande relevância. Tratemos de algumas destas questões de forma sistemática. Começo pela palavra desafio.

2.1. A Questão do “Desafio”

Só há desafio onde existe a perda de fé em algo ou alguém. O desafio pode ser feito para justamente provar que há razão para a fé apesar da descrença considerada por quem assim crê, infundada. Deste modo, podemos ilustrar:

- Desafio porque não mais acredito que você possa fazer ou provar: “Desafio você a me provar isso”; “Desafio a fazer o que disse”; duelo. Em síntese: pago para ver...
- Desafio você ou a mim mesmo para provar que somos capazes. Neste caso, buscamos ou criamos estímulos para demonstrar o quanto a falta de fé do outro era infundada. Na realidade, a falta de fé do outro pode ser um desafio para que eu mostre que sou capaz.

Chesterton (1874-1936), por exemplo, inicia o seu livro *Ortodoxia* (1908) assim: “A única desculpa possível para este livro é que se trata de uma resposta a um desafio”. Ele se refere à crítica feita pelo jornalista britânico George S. Street (1867-1936) ao seu livro anterior, *Hereges* (1905). Continua: “Talvez tenha sido uma sugestão incauta, dirigida como foi a alguém sempre mais que disposto a escrever um livro diante da mais ligeira provocação” (2008, p. 17).

- Alguém me desafia porque acredita que tenho potencial para realizar determinada tarefa enquanto que eu mesmo esteja descrente e inseguro quanto a isso.

- Posso também participar de um desafio, por exemplo, musical, no qual nos desafiemos com o intuito de criar situações embaraçosas para o outro a fim de testar a sua superação e vice-versa (“canto ao desafio”).
- Posso também, de forma amena, dizer que tais pratos desafiam a minha dieta. Sinto-me instigado a quebrá-la. No caso, eu como desafiante e desafiado estou sem fé em minha capacidade de resistência.... A dieta começará amanhã....
- Considerando-me capaz, “desafio o perigo”; não acredito que ele seja tão perigoso assim...

O desafio sempre pressupõe a fé e a falta de fé; ambas caminham juntas, ainda que não concomitantemente, na mesma direção.

Curiosamente, o verbo “desafiar” (latim: Disfidare) traz em si o sentido de perda da fé, confiança.

Conduzindo a questão ao nosso tema, podemos dizer que o nosso desafio absoluto como cristãos – o desafio existe porque, usando a expressão de Lutero (1483-1546) somos simultaneamente justo e pecador (“Simul justus et peccator”) –, é de obedecer a Deus; este é o nosso desafio absoluto; a nossa luta, o nosso bom combate da fé.

Esta luta sempre vale a pena. No entanto, como seres contingentes que somos devido ao nosso pecado e pela condição de “criatura”, os absolutos assumem configurações próprias, relativas, conforme a nossa percepção da realidade no mundo no qual vivemos. Com a relatividade do absoluto não estou negando a sua condição de imperativo categórico, antes, estou afirmando a nossa contingência que faz com que, de acordo com a relação que estabelecemos com o nosso meio, aliada à necessidade imperiosa e fundamental de sermos fiéis a Deus, nos sintamos desafiados a interpretar e agir conforme a nossa fé naquelas circunstâncias. Exemplifico: Um pastor de uma igreja de classe média, observando a pobreza e carência de sua região, pode sentir-se desafiado a desenvolver um intenso trabalho social, partilhando dos benefícios da fé cristã com o seu próximo, por intermédio de escolas, creches, cursos de orientação sobre higiene, prevenção de drogas, cidadania, etc. Neste caso, este pastor sentiu-se desafiado pela condição social de seus vizinhos, a manifestar a sua fé desta maneira: o absoluto se relativizou nesta prática; nesta relação com o seu habitat.

Tomemos outro exemplo: Sou um professor universitário e observo que muitos de meus alunos estão sendo conduzidos a uma forma de ver a realidade totalmente distante de valores cristãos, caminhando dentro de um vácuo no qual seus professores esforçam-se por destruir toda a sua fé, restando-lhe apenas o cinismo e sarcasmo como manifestações de discordância, atitudes que nada acrescentam na solução de seus problemas. Posso entender que o meu desafio como cristão é tentar me aproximar desses jovens, ouvi-los,

criar grupos de estudo, debater questões que fundamentam a nossa perspectiva e que devem nos conduzir ao redirecionamento de nossas forças, etc. Pois bem, em ambos os exemplos, que obviamente não esgotam a realidade, temos a aplicação de uma fé que deseja agradar a Deus sendo-Lhe obediente mas, que a direcionou, conforme sua percepção e possibilidade, para estas questões.

Um risco que corremos sempre é o de achar que o nosso desafio é maior do que o do nosso irmão, ou que ambos se excluem, como se não fosse possível ambos conviverem, visto que não se excluem e caminham na mesma direção: obediência ao absoluto.

Foi dentro desta perspectiva, para citar apenas alguns exemplos, que surgiram as escolas, creches, academias, asilos, hospitais, inúmeros projetos, etc., criados pelas igrejas. É preciso que não criemos excludências em que há apenas percepções diferentes. Aliás, esta pode ser uma forma perigosa, autoritária, ideológica e não cristã de rotular aqueles que não aderem as suas lutas. E mais: a nossa percepção, por si só não se sustenta como paradigma da verdade; o nosso tribunal definitivo é o Espírito falando por intermédio das Escrituras. Portanto, nos desafiamos com fé, certos de que, pelo Espírito, poderemos ser cada vez mais eficazes na vivência de nossa fé na sociedade.

2.2. O Absoluto em uma Sociedade Absolutamente Iludida

Desde o Iluminismo prevalece a compreensão de que o homem, por meio de sua razão, é a lei para si mesmo; é ele quem se governa não um outro (heteronomia). Dentro desta perspectiva otimista, cria-se uma religião humanista cujo centro é o homem e a confiança em suas potencialidades.

O secularismo consiste na pretensão humana em ser autônomo, reduzindo a realidade à nossa percepção limitada do concreto: O real é o concreto ou o que do concreto se pode perceber. O secularismo (mundanismo) – ainda que, muitas vezes, de forma imperceptível, com grande força domina a nossa perspectiva e, portanto, a nossa visão e percepção da realidade. Deparamo-nos com uma questão epistemológica. No secularismo a criatura assume o lugar de Criador (Rm 1.25); Deus é descartado ou, no mínimo colocado num lugar decorativo onde a sua presença não é notada nem a sua falta sentida. Assim temos um “ateísmo prático”. Notemos que a autonomia sempre será heteronômica, visto que não há alternativa: ou servimos ao pecado - ou seja, a nós mesmos e à nossa perspectiva distorcida da realidade -, ou servimos a Deus, em Quem de fato temos uma “autonomia teológica”.

Num mundo amplamente secularizando, em que os valores terrenos tendem a cada vez mais não simplesmente ter a hegemonia mas a totalidade da existência humana, creio que a teologia cristã tem um papel muito especial a desempenhar na sociedade, em apontar de forma concreta para o sentido da vida humana e a necessidade do homem

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia